



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

10 DE MAIO DE 1977.

DISCURSO NO CLUBE NAVAL, EM BRASÍLIA, POR OCASIAO DO BANQUETE OFERECIDO PELOS CHEFES DE MISSAO ACREDITADOS JUNTO AO GOVERNO BRASILEIRO.

Senhores Chefes de Missão,

Sinto-me grato por haverem querido homenagear, na minha pessoa, o Chefe de Estado brasileiro e, nele, o Governo junto ao qual estão representados e que acolhe com especial agrado e interesse a «presença amiga» dos integrantes de tão seletto corpo diplomático.

Grato, também, estou ao Senhor Núncio Apostólico, por suas palavras, repletas sempre de sabedoria e de generosidade, e pelos votos que formula em favor da concretização das aspirações de nossa coletividade brasileira.

Meu reconhecimento, desejo estendê-lo, também em nome de minha mulher, às Senhoras Embaixatrizes aqui presentes.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A atmosfera deste banquete é bem representativa do espírito com que o Brasil tem procurado conduzir a sua política externa — um espírito de cordialidade, de convivência ecumênica e de atenta solidariedade. Sinto-me feliz em poder dirigir-me a todos para reafirmar esses sentimentos que entretemos para com a comunidade internacional em seu

conjunto, bem como, individualmente, para com todas as nações amigas.

Não sou dos que acreditam que a diplomacia tradicional tenha sido superada pela eficiência dos modernos meios de comunicação. Ao contrário, creio que a própria eficiência desses meios pode iludir-nos, levando-nos a confundir publicidade com negociação. As relações internacionais processam-se numa trama complexa, que não aceita simplificações, sem que se incorra em riscos à própria segurança dos países. É claro que uma visão histórica dessas relações pode reduzir, a proporções menores, este ou aquele problema de hoje. Mas, para os países atingidos, não será consolo admitir que a História permita subestimar os desafios de agora. Para a geração que vive o presente, o homem de visão não é o que antecipa o juízo da História, mas o que sabe tirar o melhor proveito da realidade, para que a sociedade se encaminhe, em boa ordem, na direção de um futuro promissor.

A diplomacia tradicional, a que se exerce através das chancelarias e dos diplomatas profissionais, sabe que são, precisamente, as diferenças entre Estados que permitem valorizar as composições de interesses, a serviço de benefícios coletivos. Função precípua do diplomata é, assim, também, a de apreender corretamente a realidade do país onde exerce sua missão, pois seria desservir a seu Governo fornecer-lhe uma avaliação inadequada que certamente falsearia as condições para um entendimento frutuoso.

A política externa do Brasil, terão apreendido os Senhores, é um instrumento para a realização do objetivo máximo do país que é o de ver seu povo prosperar em ordem e alcançar, no mais curto prazo possível, melhor justiça social e desenvolvimento político mais perfeito. Funda-se ela em valores éticos superiores, incorporados pela História à nossa cultura e enriquecidos pela contribuição, tão nossa, de tolerância racial e cordialidade social. Povo naturalmente predisposto ao convívio, o brasileiro aceita influências construtivas e estende, espontaneamente, sua cooperação a outros povos, sem motivações escusas, sem inclinações para o servilismo, sem preocupações de preponderância. Na medida em que o país cresce e seus interesses se diversificam, e na medida, também, em que as nações se tornam mais interdependentes, é natural que a política externa do Brasil se universalize. A esse universalismo, procuramos dar um cunho prático, fazendo com que sirva aos interesses do Brasil e aos da comunidade internacional.

O Brasil se tem empenhado, continuamente, para que as relações internacionais se encaminhem num sentido construtivo que faça da paz, da justiça e da prosperidade um patrimônio comum.

Sabemos que nossos recursos para isso são limitados, mas sabemos, também, que só com a conjugação dos esforços de todos são possíveis as grandes realizações coletivas.

Nosso primeiro campo de ação diplomática é, obviamente, o das relações que entretemos com as nações do Continente, relações que atestam, melhor

do que tudo, o espírito de solidariedade a que me venho referindo. A cooperação com países vizinhos ressalta, de maneira muito especial, o princípio da igualdade soberana entre os Estados, a que nos aferramos com a mesma dedicação com que defendemos o do respeito mútuo e o da não-intervenção nos assuntos internos ou externos de outros países. Com o mesmo espírito, procuramos fazer, da cooperação regional, um instrumento de progresso solidário.

Idêntica atitude estendemos aos países de fora do Continente com os quais se tornam, constantemente, mais estreitos e freqüentes os nossos contatos. Nos últimos três anos, 26 novas Embaixadas do Brasil foram criadas fora do nosso Hemisfério, o que atesta o dinamismo com que empreendemos a diversificação das nossas relações diplomáticas.

Índices expressivos do vigor emprestado à cooperação internacional encontramos no número e na qualidade dos Acordos bilaterais assinados durante o mesmo período — 240 atos com 56 países, 193 deles já se encontrando em pleno vigor.

A atitude cooperativa levamo-la, também, aos foros universais. Não nos agradam as conceituações dos países que estimulam dissensões e confrontos. Antes, tudo fazemos para que uma visão esclarecida dos fenômenos internacionais conduza os Governos, na construção de uma nova ordem política e econômica mundial, a preferirem as soluções pacíficas, às que poderiam ser tentadas com recurso à violência.

Assim, a contribuição do Brasil tem visado à solução equilibrada dos problemas globais da huma-

nidade, daqueles que afetam o homem nos seus direitos fundamentais de viver em paz, de construir uma sociedade justa, de prosperar material e culturalmente, de se realizar na plenitude de suas faculdades e de usufruir do bem supremo da justiça e da liberdade.

Não é minha intenção fazer aqui um inventário dos grandes problemas que afligem a humanidade e ocupam as atenções dos nossos respectivos Governos. A própria experiência que os Senhores terão retirado das respectivas missões já os terá levado a concluir que é inquestionável o desejo do Brasil de conviver com os demais países na busca de soluções justas e harmoniosas para todos aqueles problemas.

Essa é a mensagem que espero levem daqui, esta noite, a seus Governos. O Brasil — como já tive a oportunidade de dizer a todos os Senhores Chefes de Missões diplomáticas, ao agradecer-lhes os votos de boas festas em dezembro do ano findo — «é um país amante da paz, da ordem, do bom relacionamento, da interdependência com os demais países do mundo, porque bem sabemos que ninguém pode viver isolado». E continuaremos a «luta pela paz e pela compreensão entre os homens para que este mundo seja um mundo melhor».

Agradeço a oportunidade que me deram de, mais uma vez, estar com cada um dos Senhores. A todos desejo que sejam felizes em suas missões no Brasil.

Ergo um brinde pela prosperidade dos povos dos países que representam e pela saúde dos respectivos Chefes de Estado e de Governo.